

Algumas considerações a respeito dos Vínculos no filme

Closer (Perto Demais)

Angela Beatriz dos Santos Piva¹
Angela Maria Marques Girardi
Cibele Fernandes de Moraes
Dulce Maria Chaves Martins
Fátima Tonolli Fedrizzi
Fátima B. N. Piovensan,
Marcelo Coelho Niedersberg
Marlisa Elena Pivetta Stefanello
Vania Maria Domingues
Veneza Oliveira Tabajara Schindler

Resumo: O artigo apresenta algumas reflexões acerca das tramas vinculares presentes no filme *Closer* (Perto Demais). Parte-se do tema do estranho que permeia as relações amorosas e que, paradoxalmente, abre caminho para uma intimidade invasora da privacidade. Subjacente a esta conflitiva, encontra-se o desamparo e a busca pelo objeto fusional como forma ilusória de ascender ao vínculo. Para tanto, a erotização do olhar e a busca do saber a qualquer preço a respeito do outro são hipercatexizados. A triangulação aparece como alternativa possível para o gozo, iniciando-se um jogo perverso em que todos se tornam perdedores.

Palavras-chave: Intersubjetividade; Vínculos; Filme *Closer* (Perto Demais); Jogo perverso.

Abstract: The article presents some reflections on the plots bonding in the film *Closer*. It starts with the theme that permeates the strange relationship and the paradoxically opens the way for an invasion of privacy intimacy. Underlying this contentious is the helplessness and the pursuit of elusive object fusion as a way to ascend to the bond. To this end, the eroticism of the look and the pursuit of knowledge at any cost on the other are hypercatexed. The triangulation appears as a possible alternative for the enjoyment, starting a perverse game in which all become losers.

Key-words: Intersubjectivity; Links; Movie *Closer*; wicked game.

¹ Psicólogas, alunas do Seminário Psicanálise de Casal I e II, do Curso de Pós/Pós-graduação Psicanálise das Configurações Vinculares, sob a coordenação de Angela Beatriz dos Santos Piva, no Contemporâneo Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade, ano 2010/2011. Endereço para correspondência: angelapiva@terra.com.br

Este artigo tem por objetivo propor algumas reflexões sobre vínculos de casais, tomando por base o filme *Closer* (Perto Demais).

Produzido no ano de 2004, por Mike Nichols, e baseado na peça do diretor inglês Patrick Marber - sucesso nos palcos londrinos na década de 90 - conta com um elenco formado por Julia Roberts, Jude Law, Natalie Portman e Clive Owen, tornando ainda mais atraente esta montagem americana.

É um filme inquietante e que a todos convoca em direção à busca de significados possibilitadores de uma apurada compreensão das tramas intersubjetivas ali presentes.

Estranhos que se cruzam:

A primeira fala do diálogo é Alô, estranho, sendo que o tema dos estranhos que se relacionam por acaso percorre a trama do começo ao fim. São estranhos que se cruzam.

Dan (Jude Law), candidato à romancista, mas que ganha a vida escrevendo a página de obituários de um jornal, cruza com Alice (Natalie Portman) caminhando numa rua de Londres. Esta, recém-chegada à cidade e ainda não acostumada aos carros que trafegam pela esquerda, é atropelada por um táxi. Dan a leva a um hospital, tendo início o flerte entre eles. Alice relata ter sido stripper em Nova York, mas deixara a cidade ao separar-se de um namorado.

A narrativa desenvolve-se com saltos no tempo, manobra que o diretor utiliza várias vezes ao longo do filme. O encontro casual com Alice evolui para um relacionamento estável. Um ano mais tarde, Dan cruza com Anna (Julia Roberts), a fotógrafa que fará a capa de seu primeiro romance baseado na vida de Alice. Um flerte e um beijo surgem entre eles, apesar de Anna afirmar não beijar estranhos. Alice entra em cena e percebe algo no ar. Anna, apesar de constrangida com este cruzamento, aceita o pedido de Alice de que também a fotografe. Um clima de tristeza e curiosidade permeia esta série de fotos, sendo que uma delas - justamente aquela que retrata magnificamente o belo e o triste da personagem Alice - irá aparecer na exposição de trabalhos de Anna denominada “Estranhos” meses mais tarde.

O dermatologista Larry (Clive Owen) surge na trama por meio de um engodo articulado por Dan. Numa sala de bate-papo na Internet, Dan, fazendo-se passar por mulher, mantém conversas eróticas com Larry que, ao aceitar a proposta de um encontro, é colocado frente a frente com Anna, iniciando assim, outro cruzamento. Em sua ingenuidade, Dan não prevê que, ao tentar atingir Anna, fazendo-se passar por ela e expondo-a, entrega-a justamente a um estranho. Na tentativa de com ela fusionar-se, acaba por perdê-la, tornando-se vítima de sua própria trama.

E assim o filme avança, descrevendo novos saltos no tempo para acompanhar o relacionamento complexo dos dois casais, para os quais a felicidade está sempre no quarto ao lado. O enredo é rico em jogos eróticos e, por vezes, perverso, o que dá ao filme uma superfície atraente de intriga sexual e de complexidade das relações.

Os personagens usam as ações e as palavras como armas de conquista. Hábeis na arte da sedução, convocam seus parceiros a entrelaçamentos amorosos com alto grau de envolvimento afetivo e erótico e, ao mesmo tempo, provocadores de intenso sofrimento. Embaralham-se neste jogo paradoxal de intimidade e estranheza, explorando os limites de cada polaridade, sem a possibilidade de solução criativa e verdadeiramente prazerosa. Parecem buscar, nesta mais crua intimidade, uma saída frente à angústia de serem estrangeiros entre si.

Desamparo e objeto único:

Closer vai além do clamor erótico; ele expõe a fragilidade humana diante de sua condição de desamparo. Aponta para a busca da verdade íntima – e última – que nada mais é do que o voltar-se para o objeto único, conceito desenvolvido por Puget e Berenstein (1993):

O objeto único é aquele que, inicialmente, fornece a ação específica, discrimina mundo interno e mundo externo, ego/não ego, dá os primeiros índices de realidade e possui a capacidade de se antecipar ao desejo – prevê-lo – bem como de subministrar, ao ego inerte e desamparado, um ego auxiliar capaz de significar. (p. 138-139).

Sabe-se que a condição de desamparo do bebê, tão dependente de seu objeto amparador e, conseqüentemente, tão necessitado de uma doação exclusiva, é o que dá

forma a esta primeira organização objetal. O bebê está, neste momento, fundido ao objeto e este se encontra investido de toda a sua onipotência, onipresença e onisciência. É o narcisismo originário configurando esta forma inicial de vinculação.

Pensado como eixo básico da constituição subjetiva, o esquema fusão- separação (esquema binário baseado na oposição) tende a ser estendido à perspectiva vincular, estabelecendo-se uma semelhança mítica entre o momento originário do psiquismo e o que se repete em qualquer vínculo.

Os casais apaixonados recriam este funcionamento primitivo na tentativa de resgatar este objeto único ilusório, condição de sobrevivência física e psíquica. É possível, todavia, identificar a fixidez nesta condição demandante como uma das origens de futuros problemas no vínculo de casais, pois a procura é pela completude. As diferenças não são toleradas, e o crescimento dos componentes do vínculo permanece estagnado.

É importante ressaltar que o desejo fusional é uma das vicissitudes possíveis do encontro e não sua lógica básica e exclusiva (Gomel, 2007). A passagem do enamoramento - anseio pelo objeto único, fusional - para uma maior complexidade vincular - objeto unificado - é o que permite o crescimento do casal. Neste último, há espaço para a existência de aspectos contraditórios e até mesmo incompatíveis no outro ego (Puget e Berenstein, 1993).

Conciliar a idéia de unidade, de um lado, e a diversidade ou multiplicidade, de outro, consiste em uma difícil tarefa inerente à vida a dois (Severo, 2010). Estas se repetem e se excluem num constante paradoxo. Assim, compartilhar requer um grande trabalho psíquico por exigir a renúncia aos mais primitivos anseios infantis.

Alienar-se e separar-se, reconhecer-se e desconhecer-se, encontro e desencontro são os paradoxos de todo vínculo. Nas palavras de Lévinas (1993):

A relação com o outro não é uma relação idílica e harmoniosa de comunhão, nem de uma empatia mediante a qual podemos colocar-nos em seu lugar; o reconhecemos como semelhante a nós, e ao mesmo tempo exterior; a relação com o outro é uma relação com um Mistério. (p. 116)

Fica evidente, no desenrolar da história, a incapacidade, de cada um dos casais que se formam, de darem conta da complexização do vínculo. Quando a busca é pela

completude, as diferenças não são toleradas. As traições deixam claras as dificuldades de um enquadramento conjugal. Não há espaços para projetos futuros.

Assistimos a uma busca narcisista por um outro, reflexo de si mesmo, anulando-se a perspectiva singular, a alteridade. O novo assusta – tem vida própria, foge do controle – mas também fascina e paradoxalmente cega o voyeur que, ao tudo querer ver, obnubila a si e ao outro. Ao tentar fundir-se, confunde-se e se perde.

O olhar e o saber na trama intersubjetiva:

O olhar agudo dos personagens é a grande marca que percorre o filme do início ao fim. Um olhar para o enamoramento, outro para o desvendamento da intimidade e outro ainda para perscrutar as ações do parceiro e sobre ele exercer domínio e controle. E há também o olhar direcionado à busca do prazer sexual voyeurista.

Entre tantos rostos, tanta gente e justamente o especial olhar para aquela pessoa e para ninguém mais... Mas que pessoa é essa? Um estranho, alguém que desperta interesse, atrai e impulsiona ao querer tudo saber. Alice pergunta a Dan: O que há no interior de sua pasta? De que é feito seu sanduíche? Como você fica sem óculos? Qual o seu nome? Sua profissão?

A partir de olhares correspondidos e do surgimento da atração sexual, vem o enamoramento. Certamente olhares determinados pelo intrapsíquico, mas que são também capturados pela trama intersubjetiva. Alice não se propõe a revelar seu verdadeiro nome, mas pouco importa. Estão enamorados e, tanto ela quanto Dan, se enlaçam, formando um vínculo que inicia sob o signo da idealização. Passam a viver a conjugalidade com a sua cotidianidade, mas esbarram na impossibilidade de um projeto vital compartilhado.

Alice propõe um vínculo que prescindia o compartilhar sua história, esta tem de permanecer no negativo, o que faz parte do pacto inconsciente com Dan, que precisa de uma personagem para o seu livro e não um amor, com a sua verdade e sua zona de mistério estrutural. Nas cenas finais do filme, ela sentencia: "Não quero mentir e não posso dizer a verdade, então acabou."

Dan não suporta o não saber, o não conhecer, o duvidar, o inacessível do outro: “Eu te amo, quero saber tudo, porque sou completamente louco. Diga-me, só quero a verdade”. Resta-lhes o rompimento prenunciado através do real atropelamento de Alice nas cenas iniciais – atropelamento este que os uniu, mas também os separou quando juntou outros partícipes neste vínculo acidentado.

Larry, ao tomar conhecimento de que Anna, sua mulher, o traíra, indaga-lhe: “Ele transa bem? Melhor que eu? Vocês transaram aqui? Você pensou em mim? Teve orgasmo? Quantas vezes?”.

Para além da intimidade via erotização, encontra-se a busca da verdade a qualquer preço – através do olhar, do fotografar, do interrogar – é uma tentativa de fugir do desamparo frente à impossibilidade de possuir/dominar o outro em sua essência e plenitude. É a tentativa de penetrar no privado através do olhar voyerista para então apossar-se do gozo inalcançável do outro. Há uma busca incessante do olhar do outro (I can't take my eyes of you...) na ilusão do quanto mais perto melhor e mais verdadeiro, mas o que encontram é a distorção e a con-fusão.

A busca obsessiva pela verdade como resultante de uma ferida narcísica frente à intolerável possibilidade de já não mais possuir totalmente o corpo do outro é abordada por Moscona (2005). A crença de que através de relatos minuciosos seja possível capturar o que foi experimentado - e que na verdade é inapreensível - nega que a intimidade do outro possua aspectos intransferíveis.

Nesta perspectiva, Clavreul (1990) discute a posição do perverso frente ao não saber. Há nele uma recusa em reconhecer o não saber sobre a ausência do pênis, pois assim não abandonará seu universo de certezas. Desta forma, o olho do perverso não se deixou enganar, ao contrário, ele se descobre como enganador. A certa altura, Larry afirma: “Sou um observador clínico das estranhezas humanas”.

Mas que olhar é esse? (...) “Está ali para ver, para olhar, para gozar ou, antes, para seduzir? É sempre em sua direção que o perverso lançará sortilégios”(Clavreul, 1990, p. 132). Este olhar precisa estar sempre atento e ser capaz de avaliar o que está acontecendo com o jogo perverso para a relação se sustentar. Portanto, como acentua Clavreul:

(...) O verdadeiro parceiro do perverso sempre será, portanto, esse olho que, porque ele se deixa seduzir e fascinar, prova, a todo momento, que o registro da ilusão existe, mesmo se este não conseguiu ter para o perverso a função histórica, fundadora para o acesso a uma relação de objeto comparável à do neurótico e do normal” (p.142).

Constantes no filme, as traições nos mostram a erotização de uma situação a três. E este terceiro entra no contexto apenas para ser excluído e ficar de observador. Alternadamente, um ou outro, assume a posição de ciumento, sendo o terceiro fantasiado como pleno. Há um predomínio claro da transgressão de valores, observando-se nitidamente que precisam de um outro para triangular a relação e não sucumbir à indiscriminação. Os significantes que predominam são a falsidade, o engano e a desilusão.

Numa cena próxima ao final, Larry diz a Dan: “Eu não transei para ela se divertir, eu transei com ela para acabar com você. Uma boa guerra nunca é limpa. É claro que ela gostou. Ela adora uma transa culpada” (referindo-se a Anna). Vê-se aqui a presença do terceiro excluído e ao mesmo tempo incluído como condição do gozo. Há uma clara vingança pela exclusão sofrida passivamente na infância (Milmaniene, 1998).

Anna parece usufruir de sua sexualidade apenas enquanto parceira em um triângulo amoroso, na medida em que a falta ou o vazio ficam colocados na pele do outro enganado. Novamente aqui a vingança pela infidelidade sofrida na infância se faz presente e une a todos nesta trama vincular. Ainda que goste de Dan, fica com Larry numa relação de submetimento e fascínio.

Alice, ao referir-se à exposição de fotos de Anna denominada “Estranhos”, sintetiza o sofrimento e a desesperança de todos com a frase: “Um bando de estranhos tristes fotografados lindamente. É uma mentira”.

A incapacidade de sustentar uma eleição e uma renúncia, ou seja, ascender à castração, levou estes casais a estabelecerem uma série de jogos em que todos se tornaram perdedores, mesmo que aparentemente um deles tenha permanecido unido. Na ânsia de fugir ao desamparo, buscaram fusionar-se, levando consigo a ilusão de que, ao penetrar no espaço íntimo e secreto do outro, encontrariam a suprema glória. Com o rompimento destes limites, a erotização tomou forma através do olhar e do desejo de

tudo saber. A presença de um terceiro se fez necessária como condição de um gozo em que o excluído é sempre o outro.

Não foi possível, a estes casais, construir uma história de experiências compartilhadas e possibilitadoras de um vínculo de confiança. Também não alcançaram realizar o trabalho de constituição do "espaço secreto do par", algo próprio e valioso que se dá desde o momento do primeiro encontro, do primeiro olhar. Cenário onde o secreto de cada um dá forma à intimidade do casal que, para organizar-se, precisa conhecer e construir o seu espaço e, naturalmente, excluindo dele o que não pode fazer parte. Muitas formas de patologia vincular associadas à perda de limites e à indiscriminação estão baseadas na impossibilidade da construção deste espaço.

Certamente, inúmeras são as cenas, os diálogos e os olhares que se apresentam para uma discussão dos seus possíveis significados. Considerando-se os limites de nossa proposta, gostaríamos de ressaltar que é o jogo perverso que salta ao olhar. Um olhar perto demais. Mas não é o olhar do reconhecimento, da complementaridade. É um olhar cuja cumplicidade é necessária e condição para o jogo perverso.

Referências

BEER, Silvia et al. Intimidad y Secreto: una dimensión de lo vincular. In: Lo Íntimo, lo Privado y lo Público. **Revista de Psicología y Psicoterapia de Grupo**. Buenos Aires, agosto de 1993.

CLAVREUL, Jean. **O Desejo e a perversão**. Campinas, São Paulo: Ed. Papyrus, 1990.

GOMEL, Silvia. Perspectivas Vinculares Psicoanalíticas. **Revista da Asociación de Psicología y Psicoterapia de grupo**. Vol. XXX, 2007.

KAËS, R. **Un Singular plural**. Buenos Aires. Amorrortu.2010.

LÉVINAS, E. **El Tiempo y el Otro**. Barcelona: Paidós, 1993.

MILMANIENE, J. E. **Extrañas Parejas** – Psicopatología de la vida erótica. Buenos Aires: Paidós, 1998.

MOSCONA, S. (compiladora). **Infidelidades em la pareja**. Amor, fantasmas, verdades, secretos.

PUGET, Janine & BERENSTEIN, Isidoro. **Psicanálise do Casal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

SEVERO, Ariane. **Encontros e Desencontros**: A complexidade da vida a dois. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010